

Curso Livre CONTOS DE TRÊS EM TRÊS

02 de Maio – 06 de Junho de 2016 – 2.^a e 4.^a, 18:00-20:00 – Sala 5.2

PROGRAMA¹

1. Três contos epistolares [02.05]

Cristina Almeida Ribeiro

A forma epistolar, em configurações nem sempre inteiramente convencionais, é o traço comum aos contos “Carta a uma rapariga em Paris” (Julio Cortázar, 1951), “Uma carta” (Danièle Sallenave, 1983) e “Um conto epistolar” (Luis Recuenco Bernal, 2008). Movidas pela necessidade de comunicar, as vozes que neles se fazem ouvir, em registo mais ou menos coloquial, abrem-se em confidências por vezes insólitas e, com mal contida amargura ou ostensivo cinismo, desvendam mundos interiores, mesmo quando parecem apenas registar pedaços do quotidiano.

2. Três contos um pouco flutuantes [04.05]

Fernanda Branco

Os três contos reunidos como proposta de leitura – “Voo de ensaio”, de Mário-Henrique Leiria (1973), “Fenómenos de aviação”, de Mário de Carvalho (2000) e “Aeronáutica aplicada”, de Panos Karnesis (2004) – apresentam o aspecto comum de se ocuparem com sujeitos de voo – de flutuação mais ou menos prolongada... Num horizonte levemente mítico, pairam algures entre a ironia e o absurdo, entre a potencialidade metafórica e o *nonsense* lúdico, ancoram-se num mundo de referência que é o nosso conhecido, mas evoluem-se também para outros “reais” – do céu do humor? São, assim, também na sua estratégia comunicativa, um pouco flutuantes, planando entre possibilidades, entre o que talvez possamos chamar “realismo irónico e realismo absurdo”.

3. Três contos que falam de mulheres [09.05]

Fátima Freitas Morna

Três contos de três autores mais ou menos contemporâneos entre si, todos três sobretudo dramaturgos e todos três tendo sobre si uma espécie de anátema: estão há muito fora de moda, depois de terem tido grande sucesso no seu tempo. Os três usam personagens femininas para extrapolar delas aspectos de crítica social mais leve ou mais pesada, como se verá em “A cozinheira” de André Brun, “As mãos” de Júlio Dantas e “Conto imoral” de Jacinto Benavente.

4. Três contos nostálgicos [11.05]

Maria Graciete Silva

O desenvolvimento do tema é substancialmente diferente em cada um dos contos escolhidos: “Nostalgia” (Guy de Maupassant, 1883), “Adeus, *Cordeira!*” (Leopoldo Alas, Clarín, 1893) e “A mancha verde” (Maria Judite de Carvalho, 1995). À valorização do que poderia ter sido (Maupassant) contrapõe-se, assim, a irrevocabilidade de dois mundos em conflito (Clarín) ou, num outro registo, o sobressalto de quem inopinadamente se confronta com a sua própria mortalidade (Maria Judite de Carvalho). De permeio, ficam a lente irónica de Maupassant, o olhar comovido de Clarín e a finura crítica de Maria Judite, que requerem uma análise atenta ao diálogo entre textos e contextos.

5. Três contos sobre laços de família [16.05]

Ana Paiva Morais

A partir de três exemplos de textos de épocas e temáticas distintas, procura-se, através do fio condutor dos laços de família que ligam certas personagens, atentar nas dinâmicas de poder e de dominação que se cruzam no seu espaço de ação, quer elas se projetem em contextos políticos de grande alcance (Flaubert, “Herodíade”, 1877), quer se manifestem no foro subjetivo (Clarice Lispector, “A imitação da rosa”, 1960), quer, ainda, se situem no âmbito de

¹ Na primeira sessão será entregue a cada participante a antologia que reúne todos os textos a estudar ao longo do curso, pressupondo-se daí por diante, em cada sessão, a leitura prévia dos contos que lhe estão associados.

uma reavaliação do património narrativo e da revisitação de um imaginário literário coletivo (Hélia Correia, “Fascinação”, 2004).

6. Três contos com algum mistério [23.05]

Joana Marques de Almeida

O mistério destes contos leva-nos até um estranho e intrigante jardim de uma qualquer taberna de Buenos Aires, onde um viajante, penetrando numa dimensão desconhecida, reencontra a casa perdida na infância. Levamos ainda até ao silencioso apartamento do Miranda, personagem cuja monótona rotina se vê de súbito quebrada por uma porta inexplicavelmente aberta. E leva-nos, por último, até à longínqua cidade de Antuérpia, em que um homem, um estrangeiro, se depara com uma inesperada rua circular que o conduz sempre para o mesmo pequeno e pacato largo. O mistério destes contos, mais metafísico do que de outra natureza, convida-nos, pois, a refletir sobre a realidade que nos rodeia e a perscrutar os mundos que porventura se esconderão sob a superfície polida do quotidiano.

7. Três contos de enganos [25.05]

Maria Graciete Silva

O tema do engano anda frequentemente associado à graça e à malícia, mas também ao desengano e à melancolia. É o caso do *corpus* escolhido, na sua diversidade: do *Decameron* de Boccaccio, em meados do século XIV, à contística do século XIX (Pardo Bazán, 1883; Tchekhov, 1887). Caminha-se, assim, da valorização do dito agudo ou da resposta pronta, em “A perna da pega” (*Decameron*: VI, 4), para a teia de equívocos em que consiste “Primeiro amor”, de Emilia Pardo Bazán, na sua perfeita conjugação de diferentes modalidades do cómico. Já em Tchekhov, “Lotaria”, é na mestria da passagem do sonho ao desengano, em toda a sua crueza, que melhor se revela o talento do contista.

8. Três contos com sonoridades poéticas [30.05]

Ruth Navas

Propõe-se ao leitor que leia os contos na seguinte ordem: “Um vagabundo na esplanada” de Manuel da Fonseca, “Homero” de Sophia de Mello Breyner e por último “O invisível” de Elias Canetti. A partir desta sequência de histórias com vagabundos e com base no texto de Gonçalo M. Tavares sobre o essencial, o leitor poderá experimentar um movimento de aproximação cada vez mais íntima com a sonoridade poética. Num segundo momento, ao criar combinatórias com outros textos dos autores, o leitor constatará que a figura do vagabundo é uma construção poética assente no essencial da arte literária, traduzida pelo conto e pela poesia.

9. Três contos atípicos [01.06]

Cristina Almeida Ribeiro

Sem que isso ponha em causa a sua pertença a esse género narrativo, os contos escolhidos para esta sessão rompem parcialmente com as convenções que lhe estão associadas: ou porque um mesmo segmento discursivo surge em diferentes lugares do relato e a repetição textual introduz nele uma perturbadora circularidade – “A ponto de se confundir!” (Villiers de l’Isle-Adam, 1875); ou porque a descrição prevalece sobre a narração – “Grito no mar” (Pío Baroja, 1896); ou porque os protagonistas assumem esse estatuto com base em traços definidores que por norma se lhe opõem – “A noite dos feios” (Mario Benedetti, 1983).

10. Três contos sobre compaixão [06.06]

Marta Pacheco Pinto

Nesta sessão, discutir-se-á o sentimento de compaixão e seus desdobramentos ou extensões (dó, perdão, hospitalidade, fidelidade) a partir da leitura de três contos, que se reportam a contextos geográficos, histórico-culturais e religiosos diversos. As narrativas seleccionadas exploram situações-limite, dando voz a impulsos, revoltas e dúvidas interiores, crenças da tradição popular ou inquietantes estranhezas que o sentimento de compaixão – enquanto expressão da natureza humana – desencadeia, suscita ou exacerba. As narrativas a analisar são as seguintes: “Azul-da-china” (2007), de Maria Teresa Horta; “O princípio da compaixão” (2000), de João Aguiar; “Encontro pelos crisântemos” (1776), de Ueda Akinari.